**A FORMAÇÃO DO EDUCADOR PARA A DIVERSIDADE: REFLEXÕES DA PRÁXIS EDUCATIVA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO I**

Beatriz Andrade dos Santos

Discente de Pedagogia UERN/CAMEAM-[*beatrizandradesantos2@gmail.com*](mailto:beatrizandradesantos2@gmail.com)

Bruna Bonivais de Oliveira

Discente de Pedagogia UERN/CAMEAM-[*brunabonivais@gmail.com*](mailto:brunabonivais@gmail.com)

Taysa Kelly da Silva

Mestranda em Ensino, CAMEAM/UERN, [taysakped@gmail.com](mailto:taysakped@gmail.com)

**Resumo**

O Estágio Supervisionado I possibilita a vivência de diversas experiências ao discente em formação que contribuem para a construção de qualidade do educador. Por meio do processo de observação e regência o discente do curso de pedagogia, é possível a construção da práxis de ensino em que o aluno de graduação poderá construir uma prática pedagógica embasada nas teorias e saberes adquiridos na formação acadêmicado curso de licenciatura, tornando sua prática embasada na reflexão/ação e ação/reflexão. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é construir um relato de experiência que possibilite a reflexão sobre a prática desempenhada por nós, estagiárias durante o período de regência do Estágio Supervisionado I, afim de compreendermos a relevância do estágio para a nossa formação enquanto futuros educadores. Para melhor fundamentação do referido estudo, realizou-se como procedimentos metodológicos o levantamento de referenciais teóricos que venha ao encontro com os anseios do presente trabalho e o relato das experiências vivenciadas durante a regência do Estágio Supervisionado I. Nessa perspectiva, O presente trabalho possibilitou a reflexão da prática pedagógica realizada por nós estagiárias e o contato com o “chão da escola” que permitiu o contato com a realidade das escolas e salas de aula da rede pública de ensino do nosso país.

**Palavras-chave**: Estágio. Formação. Práxis educativa.

**Introdução**

O presente trabalho centraliza-se na discussão sobre as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I, durante o 5º período do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN do *Campus* Avançado Professora Maria Eliza de Albuquerque Maia- CAMEAM. Assim, discorremos sobre o primeiro contato do discente de pedagogia com o “chão da escola” e suas impressões sobre o ambiente escolar e a sala de aula, além de ressaltarmos as dificuldades encontradas pelos estagiários durante o processo de ensino e aprendizagem, diante da heterogeneidade de níveis e ritmos de aprendizagem apresentados pelos alunos. Por fim, relatamos as relações e experiências vividas com alunos que apresentam deficiência ou necessidade educativas especiais em uma sala de aula de ensino regular.

A sala de aula na qual tivemos a oportunidade de ter a experiência do Estágio Supervisionado I pertence a rede municipal de ensino e conta com o atendimento de alunos da pré escola ao 5º ano do ensino fundamental, nos turnos matutino e vespertino. A turma em que lecionamos era da pré escola I e II e tinham matriculados na turma 30 alunos, em que a idade variava entre 4 à 6 anos de idade. Na sala tínhamos duas professoras, uma titular e a outra auxiliar. A escola tem uma boa estrutura física e o corpo docente é composto por profissionais graduados, que buscam desenvolver seus trabalhos de acordo com os recursos que estão ao ~~a~~lcance.

O presente trabalho surgiu da necessidade de refletirmos sobre as experiências vivenciadas durante o Estágio Supervisionado I e como atividade avaliativa da terceira unidade da disciplina Educação Especial e Inclusão que faz parte dos componentes curriculares do 5º período do curso de Pedagogia da UERN/CAMEAM. Dessa maneira, objetivamos construir um relato de experiência que nos possibilite a reflexão sobre a prática desempenhada por nós estagiárias durante o período de regência do Estágio Supervisionado I, afim de compreendermos a relevância do estágio para a nossa formação enquanto futuros educadores.

Tendo em vista o objetivo proposto, realizamos inicialmente um embasamento teórico nas discussões de alguns autores, que podemos citar como exemplo: Tardif (2008) que discorre sobre os saberes necessários para a formação do professor; Pimenta (2010) que discute sobre o estágio supervisionado; Perrenoud (1995) que traz discussões sobre as dificuldades enfrentadas em sala de aula frente aos diferentes níveis e ritmos de aprendizagem do aluno, Cunha (2015) e Mantoan (2003) que realizam discussões sobre a educação inclusiva.

Além disso, adotamos como recurso metodológico o relato de experiência sobre as vivencias do Estágio Supervisionado I, em que para descrever detalhadamente e com precisão os acontecimentos vivenciados durante o estágio utilizamos o diário de campo, tendo em vista que o diário de campo é “[...] um documento pessoal-profissional no qual o estudante [profissional] fundamenta o conhecimento teórico - prático, relacionando com a realidade vivenciada no cotidiano profissional, através do relato de suas experiências e sua participação na vida social ” (LEWGOY e SCAVONI, 2002, p.63) , assim sendo, essa ferramenta de pesquisa possibilitou relacionarmos as experiências conquistas com a teorias estudadas durante do curso de graduação em pedagogia possibilitando a construção de um trabalho de qualidade. Portanto, consideramos que a presente pesquisa é de abordagem qualitativa, isto porque visa compreender os dados com base em todo o processo a partir do diálogo travado com os teóricos.

**2. O CONTATO COM A SALA DE AULA: ENTRE A UTOPIA E A REALIDADE**

A formação acadêmica do professor possibilita a construção de saberes que são necessários para a realização de uma prática pedagógica de qualidade que propicia ao professor o desenvolvimento de aulas construtivas que viabiliza a interação entre aluno-professor e que consequentemente reflete positivamente na aprendizagem dos alunos. Mas, a formação “completa” de um profissional da educação só é conquistada por meio do “saber-fazer”, ou seja, o que possibilitando a partir do contato com a profissão no chão da escola, durante o processo de ensino e aprendizagem que acontece no ambiente da sala de aula.

Nessa perspectiva, para que se forme um bom educador que adquira os inúmeros saberes necessários para a profissão, é necessário que se construa um professor habilitado a realizar uma prática pedagógica refletida pelas teorias adquiridas em sua formação acadêmica assim conquistaremos professores qualificados para a construção de uma nova educação.

Nesse sentido como afirma o autor Tardif (2008, p. 61) “os saberes profissionais dos professores parecem ser, portanto, plurais, [...] pois trazem à tona, no próprio exercício do trabalho, conhecimentos e manifestações do saber-fazer e do saber-ser [...]”, ou seja, o professor precisa adquirir inúmeros saberes que o possibilitará tornar-se um educador que tenha os saberes necessários para o seu bom desempenho profissional.

O curso de Pedagogia direcionado a formação de professores para a atuação na educação infantil e para os primeiros anos do ensino fundamental, propõe que durante a formação acadêmica dos seus graduandos, o mesmo enha o contato com as teorias que fundamentam a educação, como também possibilita a aquisição de experiências práticas em ambiente escolares e não escolares.

No 5º período do curso de Pedagogia, uma das disciplinas que estão presentes nos componentes curriculares é o Estágio Supervisionado I, que direciona o professor em formação ao ambiente escolar, para que possa ter o contato direto coma prática docente, sendo assim, “O estágio sempre foi identificado como a parte prática dos cursos de formação de profissionais, em contraposição à teoria” (PIMENTA,2010,p.33), ou seja, o estágio para muitos alunos do curso de formação de professores, é visto por grande parte dos alunos como um momento isolado das disciplinas ministradas e nos possibilita a construção de inúmeros saberes e dos conteúdos que estamos aprendendo, sendo visto apenas como a parte prática do curso, mas devemos ver o estágio como uma oportunidade de colocar em práticas as teorias adquiridas.

O estágio para muitos alunos é o primeiro contato com a sala de aula, e muitas vezes dito pelos mesmos que a prática é um paralelo a teoria, na qual chega inúmeras vezes a causar um impacto no aluno em processo de formação à docência, ou seja, ao graduando do curso de pedagogia. Porém, é nesse cenário que adquirimos nossas primeiras experiências enquanto futuros professores, é o momento de relacionarmos e refletirmos a teoria com a realidade. Nessa perspectiva, como afirma Pimenta (2010, p.102) “O estágio supervisionado para os alunos que ainda não exercem o magistério pode ser um espaço de convergência das experiências pedagógicas vivenciadas no decorrer do curso [..]”.

As experiências vivenciadas por nós durante o período da observação e regência no Estágio Supervisionado I, foram de grande relevância para nossa formação enquanto profissionais da educação, pois, apesar de não ser o nosso primeiro contato em sala de aula, pudemos construir conhecimentos ímpares para a nossa profissão, pois cada escola e cada sala de aula é única.

Mas, a realidade encontrada na sala de aula na qual estagiamos nos impactou, pois era bem diferente da realidade de sala de aula que conhecíamos e tínhamos lecionado. Realizamos o nosso estágio em uma turma conjugada que tinha alunos do nível de Pré I e II, sendo uma sala numerosa, com 30 alunos, em que os educandos apresentavam diferentes idades sendo de 4 a 6 anos, onde existiam diferentes níveis e ritmos de aprendizagem, sendo que, alguns alunos já haviam cursado o Pré I e estavam repetindo, pois a escola não teve número de matriculas suficientes para a construção de uma turma de Pré II, sendo assim, a solução foi conjugar/unir os dois níveis de escolaridade, que tornou-se uma sala numerosa, heterogênea no que diz respeitos aos diferentes níveis de aprendizagens e comportamentos, e com um desafio para as duas professoras da sala, e também para nós estagiárias, de construirmos com os alunos aprendizagens significativas para todos.

Durante a vivência da experiência do Estágio Supervisionado I, pudemos constatar o quanto é difícil ser educador, mas também como é prazeroso contribuir e ser importante para a construção do ser de inúmeros sujeitos. Dessa forma, refletirmos como faz-se necessário a formação e qualificação de professores para que possam ser desenvolvidos os inúmeros saberes necessários para que se possa formar um bom educador, que consiga dar asas aos sonhos de seus alunos e que os ajude a alçar voos altos e que construam uma sociedade mais justa e igualitária para as futuras gerações.

**2.1 O processo de ensino e aprendizagem: dificuldades em se trabalhar com diferentes níveis de aprendizagem**

O processo de construção de um ensino e aprendizagem eficaz depende de inúmeros fatores, dentre eles podemos citar: a qualificação da formação e da atuação do professor em sala de aula, as ferramentas e o espaço oferecidos pela escola para o trabalho com os alunos, o apoio e acompanhamento familiar e o trabalho conjunto de todos os membros que compõem o corpo escolar.

A aprendizagem é um processo contínuo e complexo, que se faz presente na vida do sujeito desde sua infância e perdura até a velhice. Dessa forma, os indivíduos nunca deixam de aprender e permanecem sempre em constante aprendizado. Mas, em cada fase da vida o processo de aprendizagem ocorre de forma específica e de maneira particular na vida de cada um, sendo assim, cada sujeito apresenta particularidades dentro do processo de aquisição dos conhecimentos.

Existem inúmeras teorias sobre o processo de aprendizagem dos sujeitos, as concepções mais discutidas são as discussões realizadas por Piaget que acredita que a aprendizagem se subordina ao desenvolvimento intelectual do sujeito e sobre a sua maturação biológica, minimizando assim a importância da interação social para a construção do conhecimento. Vygotsky, ao contrário, propõe que o desenvolvimento e a aprendizagem dos indivíduos se influenciam reciprocamente, e que as interações sociais e as trocas entre os sujeitos são fundamentais para a consolidação da aprendizagem.

Nesse sentido, percebemos o quanto é complexo o processo de aprendizagem, pois pudemos constatar isto, ao realizarmos o Estágio Supervisionado I, em que ao nos depararmos com uma sala de aula heterogênea no que diz respeito ao nível do desenvolvimento da criança, em que encontramos crianças em diversos ritmos de aprendizagem e com particularidades especificas no processo de construção do conhecimento. Buscamos a princípio observar e constatar quais dificuldades, a sala de aula, de forma geral e individual apresentavam em relação ao processo de aprendizagem, para que depois pudéssemos elaborar um plano de intervenção que possibilitasse o avanço dos alunos.

É importante ressaltarmos que, as crianças que compõem a sala de aula na qual exercemos o nosso estágio apresentam diferentes fases de alfabetização que se enquadravam desde a fase pré-silábica, silábica até a silábica-alfabética. Desse modo, mediante aos diversificados níveis de aprendizagem, torna-se desafiante construir um processo de ensino e aprendizagem que vem de encontro as necessidades de cada aluno.

Ao iniciarmos a nossa regência em sala de aula, encontramos a princípio dificuldades em desenvolver nossa aula de forma que todos os alunos acompanhassem a aula e construíssem os conhecimentos que objetivávamos, mas no decorrer do período do estágio, por meio de nossas observações conseguimos construir planos de aula que atendesse as necessidades educacionais de todos os alunos.

Durante o processo de ensino e aprendizagem identificamos que a maior dificuldade encontrada para trabalhar de forma adequada com as crianças era de encontrar atividades que atendesse ao nível de desenvolvimento de todos, pois algumas crianças que já haviam cursado o Pré I e já estavam avançando no desenvolvimento da aprendizagem, mas aquelas crianças que iniciaram agora sua vida escolar, apresentavam dificuldades em acompanhar a turma.

Sendo assim, vemos a dificuldade do educador em trabalhar em sala de aula com níveis e ritmos de aprendizagem tão distintos de forma que favoreça a aprendizagem de todos os alunos. Perrenoud (1995, p.29) sobre isto fala que:

Diferenciação não é sinônimo de individualização do ensino. É evidente que não se pode falar em diferenciação sem gestão individualizada do processo de aprendizagem, mas isso não significa que os alunos vão trabalhar individualmente, o que acontece é que o acompanhamento e os percursos são individualizados. (PERRNOUD, 1995, p.29).

Ou seja, possibilitar essa diferenciação é estar disposto a encontrar estratégias para trabalhar com as particularidades de cada aluno, principalmente aqueles que mais apresentam dificuldades durante o seu processo de aprendizagem. Assim, é preciso encontrar novas possibilidades/ferramentas para o ensino, reinventar a prática educativa, experimentar novas metodologias, assumir a possibilidade de errar, mas de estar pronto para corrigir. O mais importante é buscar meios/soluções para que todos os alunos que compõem a sala de aula possam avançar no seu processo de aprendizagem. É estarmos sempre refletindo a nossa prática educativa.

Nesse sentido, podemos perceber que, em uma sala de aula encontramos inúmeros níveis, ritmos e especificidades de aprendizagens em um mesmo nível de ensino, e cabe a nós professores buscarmos estratégias que ajudem aos nossos alunos a avançarem/evoluírem em seu processo de formação cognitiva e enquanto sujeito social.

Dessa forma, durante o período de estágio na Educação Infantil buscamos em nossas metodologias durante o processo de ensino, construir e trabalhar com materiais didáticos diversificados, como histórias, vídeos e atividades que possibilitassem que todos os alunos pudessem compreender e desenvolver suas múltiplas inteligências. Nessa perspectiva, percebemos que no processo de ensino e aprendizagem não existem receitas prontas, nem uma única solução, mas devemos buscar a flexibilidade de nos planos de aula, a abertura para novas propostas de práticas de ensino e sempre buscar trazer novidades que possam motivar e ajudar os alunos no seu processo de construção dos saberes.

**2.2 A interação com a criança com necessidade educativas especiais aprendizagens e descobertas em meio a construção de relações afetivas**

Na sala de aula, tivemos a experiência do Estágio Supervisionado I, possibilitando-nos a oportunidade de ministrarmos aula para 30 alunos, todos com diferentes realidades, nos demais aspectos, como contextos sociais, cor da pele, raças, modos de viver diversificado, em que duas crianças apresentavam deficiência e necessidades educacionais especiais. Uma está passando pelo processo de diagnóstico do autismo, e outra apresenta paralisia cerebral parcial, que não compromete muito sua cognição, mas interfere em sua capacidade motora. Ambas as alunas estão inseridas na sala regular e tem acompanhamento na sala de atendimento educacional especializado – AEE.

Ao objetivar construir uma escola inclusiva é necessário romper com as barreiras que compõe as ideias de uma educação voltada para o formalismo da racionalidade, as escolas que buscam enquadrar-se na normas vigentes na educação tradicional, pois somente assim será possível construir uma educação para a diversidade e que inclua todos os indivíduos que nela estão inseridos com suas individualidades e que forme os alunos para a vida. Nessa ótica, Mantoan (2003, p.16) afirma “[...] a inclusão implica uma mudança de perspectiva educacional, pois não atinge apenas alunos com deficiência e os que apresentam dificuldade de aprender, mas todos os demais, para que obtenham sucesso na corrente educativa geral. [...]”.

A princípio, o contato com as alunas foi um pouco difícil, como éramos desconhecidas para as meninas, elas tinham receio de se comunicarem e até de se aproximarem de nós, mas, aos poucos por meio do auxílio nas atividades realizadas pudemos ir construindo uma interação com as alunas, que aos poucos foram permitindo o nosso contato direto e até mesmo mais afetivo com elas.

Ao realizar o processo de ensino e aprendizagem com crianças com alguma necessidade educacional especial em sala de aula do ensino regular é necessário romper com as barreiras que irão surgir e construir estratégias que possibilitem atendermos as necessidades especificas dos alunos com deficiência e também não esquecer dos demais alunos que compõe a turma, buscando sempre fazer com que o aluno com deficiência se sinta integrante da turma e consiga construir uma interação saudável com todos os alunos. Cunha (2012, p.56) afirma que para construirmos uma prática pedagógica inclusiva é preciso “[...] ser pessoas criativas, com habilidades e sensibilidade para transcendermos os problemas de aprendizagem e, de maneira multidisciplinar e interdisciplinar, formar cidadãos para a vida [...]”. Nessa perspectiva, é necessário desenvolvermos uma prática pedagógica inclusiva e não apenas de integração e que forme o indivíduo integramente, preparando ele para a vida acadêmica e social.

Durante o auxílio das alunas na realização das atividades em sala de aula, é notório que as alunas necessitam de um acompanhamento, uma atenção maior e qualificada, para que possam acompanhar a turma, pois, as mesmas apresentavam dificuldade de concentração e de transcrição das atividades que eram escritas no quadro, percebemos, também, que as alunas apresentam uma boa relação com os seus colegas, e que são capazes de se desenvolverem e acompanharem o ensino da sala de aula regular.

É importante ressaltarmos também que o atendimento educacional especializado contribui muito para o desenvolvimento das capacidades e habilidades dos alunos que apresentam alguma deficiência ou necessidade educacional especial, colaborando para o desenvolvimento do aluno em sala de aula regular.

Outro ponto que é de relevância a ser relatado é a importância da construção de laços afetivos com as crianças, mas principalmente com aquelas que possuem deficiência ou necessidades especiais, pois as mesmas necessitam de carinho e atenção, necessitam se sentir importante e amada, e isso contribui para o seu desenvolvimento cognitivo e de interação em sala de aula.

Construir uma sala de aula inclusiva é um grande desafio, é uma missão ao professor da Educação Infantil, que necessita buscar estratégias que possibilitem que os alunos compreendam que todos são diferentes Na experiência que vivenciamos no estágio supervisionado I, com crianças com necessidades educacionais especiais, percebemos que para obtermos uma educação inclusiva é um grande desafio, mas é necessário para que possamos ter um mundo mais justo e igualitário, no qual todas as pessoas tenham a mesmas oportunidade, independentemente de suas singularidades, para isso, nós professores temos a função de contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos alunos, sem esquecer de formá-los humanamente para que saibam ser sensíveis e respeitar as inúmeras diversidades existentes em nossa sociedade, assim estaremos construindo um mundo melhor.

Sendo assim, construir uma educação inclusiva é um grande desafio para os educadores. Como afirma Cunha (2012, p.55) “[...]. Educar na diversidade e para a diversidade é um desafio que nós, professores, teremos de suplantar neste contexto plural de interesses, de afetos e de conhecimentos.”, ou seja, educar para a diversidade é necessário para que todos possam ter a mesmas oportunidades de conquistar conhecimentos e uma formação humano dentro do espaço escolar.

**Considerações Finais**

Portanto, diante dos relatos de experiência e das discussões realizadas pelos teóricos utilizados para o embasamento das nossas explanações, percebemos a relevância do presente trabalho que possibilita aos estagiários a reflexão acerca do desenvolvimento do seu trabalho em sala de aula e sobre a construção de uma formação de qualidade que venha atender aos anseios encontrados em sala de aula, para que possamos construir um processo de ensino e aprendizagem com maior eficácia e que possa atender de forma igualitária as inúmeras diversidades existentes no ambiente escolar.

A formação do educador necessita abranger as inúmeras realidades que possam ser encontradas no ambiente escolar, para que ao professor deparar-se com uma sala de aula heterogenia saiba a necessidade de desenvolver uma prática pedagógica que possa atender as especificidades educacionais de cada aluno, mas que não deixe de incluir nenhuma criança, para assim, construir uma sala de aula em que todos interajam e construam aprendizados para serem utilizados em sua realidade acadêmica e social. O Estágio Supervisionado I possibilita ao estudante de graduação do curso de pedagogia compreender e ter acesso a realidade das salas de aula, além de possibilitar que os conhecimentos que são adquiridos na teoria sejam utilizados e aperfeiçoados em sua prática, assim, nessa formação o graduando irá construindo sua identidade enquanto futuro profissional da educação.

Assim sendo, é essencial que nossa prática pedagógica seja flexível para que frente as especificidades da turma que o educador irá lecionar posasse construir um planejamento que atenda as especificidades os educandos, objetivando sempre alcançar uma educação de qualidade que possa formar indivíduos humanizados e diante da realidade que a educação se encontra para desenvolvermos um trabalho de qualidade é necessário desenvolver uma prática que seja repleta de amor e dedicação fazendo o máximo para conquistar qualidade e ensino e aprendizagem e como afirma Cunha (2012, p.49) “[...] Nada se constrói com qualidade na educação sem o amor.”, desse modo, que os futuros profissionais da educação por meio das experiências vivenciadas nas disciplinas práticas do curso de graduação saibam identificar se realmente desejam lecionar, pois a prática do professor pode construir ou destruir sonhos de inúmeras crianças que terem acesso a sua sala de aula.

**Referências**

CUNHA, Eugênio**. Autismo e inclusão:** psicopedagogia práticas educativas na escola e na família / Eugenio Cunha. – 6 ed. – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2012.

LEWGOY, Alzira Mª. B; SCAVONI, Maria Lucia. **Supervisão em Serviço Social:** a formação do olhar ampliado. In: Revista Texto & Contextos. EDIPUCRS. Porto Alegre: 2002.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar:** o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

PERRENOUD, Philippe. **Pedagogia na escola das diferenças:** fragmentos de uma sociologia do fracasso. RS: Artmed, 1995.

PIMENTA, Selma Garrido. **Estágio e docência.** 5ª. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.